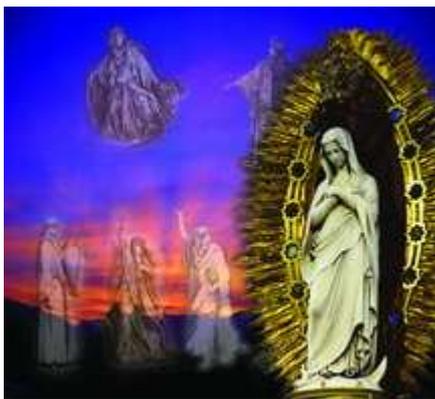


As prefiguras bíblicas de Nossa Senhora

Elementos para compreensão da realidade profunda da História: figuras emblemáticas do passado, que prenunciaram a Mãe de Deus, são como que ensaios da obra-prima do Criador.

Marcos Aurélio Vieira

A vida de cada pessoa, em qualquer idade, comporta uma sucessão de escolhas de rumos: escolha do estudo, da profissão, de amigos, de formas de diversão, etc.



Dentre essas várias opções de rumo, a mais importante de todas, a fundamental e constante, é entre fazer a vontade de Deus ou seguir as próprias apetências e caprichos. Daí o pensamento sublime de Santo Agostinho: *"Dois amores construíram duas cidades: a cidade terrena, a fez o amor de si mesmo até o desprezo de Deus; a cidade celeste, a fez o amor de Deus até o desprezo de si mesmo"* ("Cidade de Deus", XIV, 26). E quem despreza a Deus está escolhendo, ainda que implicitamente, o demônio.

Uma consideração sobre essa escolha fundamental e constante dos rumos de vida é particularmente útil na época em que vivemos. De um lado, a autêntica Igreja Católica, Apostólica, Romana — não, evidentemente, o chamado progressismo católico — e de outro todas as formas possíveis de corrupção e de mal. Mediante tal conflito, pode-se ver bem claramente que, no fundo, só há dois partidos: o de Deus e o do demônio.

No mundo, tudo quanto há de ordenado, de composto, de lógico, de limpo, digno de respeito e de admiração, em suas conseqüências lógicas, conduz à Igreja Católica. E desta a Deus. Em sentido contrário, se tomarmos as inúmeras desordens existentes hoje e tirarmos as últimas conseqüências lógicas delas decorrentes, chega-se ao culto do pai da mentira.

Tomemos como exemplo a imoralidade. Já existem em circulação numerosas revistas imorais em quadrinhos, como também desenhos animados, que apresentam o demônio como sendo o termo normal da pornografia. E até já se preludia uma época que não estaria longe, segundo tais revistas, na qual o demônio aparecerá de modo sensível para estimular os homens à prática da imoralidade e se fazer adorar.

Portanto, se se analisa com profundidade esse auge de obscenidade, concupiscência, ganância, incoerência e confusão de espírito, em que cada vez mais afunda o mundo contemporâneo, não é difícil constatar que se está a caminho do que Santo Agostinho denominava "*a cidade terrena*", onde predomina a civilização do demônio.

Ora, a finalidade da criatura humana é conhecer, amar e servir a Deus neste mundo, para depois contemplá-Lo eternamente no Céu.

O conhecimento da verdadeira devoção à Santíssima Virgem

Assim, num momento crucial da escolha entre um caminho ou outro, é indispensável que cada um, para escolher bem, procure conhecer da melhor maneira possível aquilo que há de mais autenticamente belo na Terra.



Nossa Senhora é a Medianeira de todas as graças. É através d'Ela que sobem a Deus todos os pedidos feitos pelos homens.

O que há de mais belo na Terra é a verdadeira face da Santa Igreja Católica, Apostólica, Romana. É conhecê-la segundo a sua verdadeira doutrina, seu verdadeiro espírito, seus verdadeiros costumes, sua verdadeira finalidade.

Exatamente por isso se torna mais necessário do que nunca conhecer a verdadeira devoção a Nossa Senhora. Porque Nossa Senhora é a Medianeira de todas as graças. É através d'Ela que sobem a Deus todos os pedidos feitos pelos homens. E é através d'Ela que vêm todos os favores que Deus concede aos homens.

Assim, nós só seremos capazes de fazer acertadamente essa grande escolha se nos aproximarmos dessa Medianeira e d'Ela obtivermos os favores necessários.

Um modo excelente para conseguir essa meta é procurar aprofundar, sempre mais, o conhecimento da fisionomia espiritual de Nossa Senhora. Esta é a razão pela qual julgamos particularmente importante falar sobre as prefiguras de Nossa Senhora.

Papel das prefiguras na compreensão profunda da História

Numa palestra pronunciada em 27-3-79, o Prof. Plínio Corrêa de Oliveira ressaltou com precisão a importância das prefiguras para uma

autêntica compreensão da História: *"Os acontecimentos históricos não só são causadores uns dos outros, são também prefigurativos uns dos outros. Pois, em cada acontecimento histórico pode-se ter uma noção, embora confusa, daquilo que ele prefigura.*

"Mais. Os acontecimentos passados não são apenas prefiguras, mas são incoativos. Quando aparece a prefigura, nas entranhas profundas da realidade a figura, que está remota, se aproxima mais do acontecer. A prefigura atrai e começa a gerar a figura. A cada nova prefigura, mais ela se aproxima da figura e torna mais intensa a sua gestação. Até o momento em que a figura se torna irreversível.

"Daí a razão da 'energia' das prefiguras. Neste sentido, Caim é pai dos celerados. O auge seria Judas, ou alguém que tenha pecado mais do que Judas.

"Este princípio serve para compreender a realidade profunda da História".

Prefiguras da Virgem: "ensaios" da obra-prima do Criador

A Providência Divina não produz de uma vez as suas grandes obras. O mesmo princípio, guardadas as proporções, se aplica também aos homens.

Como é fácil observar, os artistas e os poetas costumam executar suas obras-primas após realizar alguns ensaios. Do mesmo modo Deus, não por falta de poder, mas para nos instruir, apresenta seus desígnios a nossas mentes, conduzindo a perfeita realização de suas obras, as mais maravilhosas, de maneira sucessiva, gradativamente.

É por isto que, segundo abalizados estudiosos, Ele empregou cerca de quatro mil anos em dispor os caminhos para a vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Da mesma forma, as três Pessoas divinas prepararam com harmonia e grande sabedoria, bem como com traços cada vez mais acentuados, a criação da bem-aventurada Virgem Maria.

É, pois, com razão que os Doutores da Igreja reconhecem na História, ao lado das prefiguras de Nosso Senhor Jesus Cristo, grande número de figuras simbólicas das perfeições de sua Mãe Santíssima.

Entre estas figuras estão, em primeiro lugar, determinadas personagens femininas como reflexo, embora pálido, das virtudes e das prerrogativas espirituais de Nossa Senhora. A reunião de seus traços nos auxilia enormemente a completar o "retrato" da Santíssima Virgem. Na verdade, essas personagens femininas são como "imagens" que um caminhante do deserto pode ver, e que a seus olhos refletem panoramas

cada vez mais próximos do local aprazível que ele espera brevemente alcançar.

Eva: figura original da Mãe de Deus

Na ordem dos tempos, Eva — a mãe comum de todos homens — é a primeira figura de Nossa Senhora.



Adão e Eva expulsos do Paraíso. Eva é a mais antiga prefigura de Nossa Senhora

Suas qualidades, que prenunciavam a Santíssima Virgem, eram:

1. Toda beleza da primeira criação;
2. Natureza perfeita sob todos os aspectos e relações;
3. Sublimidade dos dons de justiça e de graça;
4. Missão: comunicar a seus inumeráveis filhos esses dons de justiça e de graça.

Minúcias da grandeza primitiva de Eva:

1. Castidade;
2. Valor;
3. Fidelidade;
4. Formosura;
5. Beleza da dor.

Eva era como que o complexo de todas as mulheres, e sobretudo a grande e mais antiga prefigura de Nossa Senhora.

Mas, devido à sua queda, perdeu a celestial beleza de sua origem. Nossa Senhora — pela sua dignidade de Mãe de Deus, suas graças, suas virtudes, seus méritos, seus privilégios e seus poderes — ultrapassou sobremodo Eva, pois restituiu aos homens o que a primeira mulher lhes tinha feito perder. A Santíssima Virgem é nossa Mãe no sentido mais elevado e verdadeiro.

Os quatro grupos de prefiguras de Nossa Senhora

Para reconstituir a fisionomia de Nossa Senhora, desfigurada em Eva, a Providência Divina suscitou, através dos séculos, uma série de tipos femininos que, por suas virtudes especiais, representaram sucessivamente as minúcias da grandeza primitiva de Eva.

A concentração da glória dessas prefiguras deu-se sobre a fronte única e virginal da Santíssima Virgem.

Dividem-se em quatro grupos:

1º grupo: Representa a fecundidade de Nossa Senhora;

2º grupo: Recorda a força e a coragem;

3º grupo: Simboliza a beleza excepcional e a graça irresistível;

4º grupo: Representa a beleza da dor.

1º grupo: A fecundidade da Virgem – Sara, Rebeca e Raquel

I – Sara: Bela e estéril, tornou-se mãe de Isaac e de uma posteridade enorme.

Sara,(1) em hebreu, quer dizer princesa. O nome Sara foi-lhe dado pelo próprio Deus, quando apareceu a Abraão: *"Disse também Deus a Abraão: 'A Sarai, tua mulher, não chamareis mais Sarai, mas Sara' (princesa)".*(2)

Ela era de uma excepcional beleza. Embora sendo estéril, milagrosamente teve um filho, Isaac. Por ter sido mãe de Isaac, que se tornou pai de Jacó, é considerada a *"mãe do povo eleito"*, de acordo com o Profeta Isaías (Is., 51,2).

Termos de comparação:

a) Nossa Senhora gerou o verdadeiro Isaac, Jesus Cristo, no qual foram abençoadas todas as gerações;

b) A maravilhosa beleza do nascimento e a alegria que isto lhe proporcionou;

c) Sara deu à luz por um milagre, pois a velhice esgotara a sua fecundidade. Entretanto, foi a mãe de uma inumerável posteridade. Este milagre simboliza a fecundidade virginal de Nossa Senhora, que: 1º) deu à luz o Homem-Deus; 2º) gerou para a vida divina todos os homens. É, pois, a Rainha do Céu e da Terra.

II – Rebeca: Belíssima, tornou-se mãe de duas raças (Jacó e Esaú).

Rebeca(3) foi a esposa de Isaac. Foi ainda mais bela do que Sara. Nos dizeres da Escritura Sagrada, *"era uma donzela linda em extremo, e uma virgem formosíssima"*; ao encontrar Isaac pela primeira vez, *"tomou depressa o véu e cobriu-se"*; e *"ele introduziu-a na tenda de Sara*



(sua mãe), e recebeu-a por mulher; e tão extremosamente a amou, que moderou a dor que lhe ocasionara a morte de sua mãe”.

Rebeca teve dois filhos: Esaú e Jacó. Esaú simboliza os réprobos, pois, dentre vários aspectos descritos por São Luís Maria Grignon de Montfort no *Tratado da Verdadeira Devoção*, pode-se destacar: *“Pouco se incomodava de agradar a sua mãe Rebeca, e nada fazia por ela; era guloso, e gostava tanto de satisfazer o paladar, que chegou a vender seu direito de primogenitura por um prato de lentilhas; estava, como Caim, cheio de inveja de seu irmão Jacob, e o perseguiu sem tréguas”.*(4)

Jacob, pelo contrário, simboliza os filhos da luz: *“Permanecia em casa o mais possível, para ganhar as graças de sua mãe Rebeca; amava e honrava sua mãe; seu maior contentamento era vê-la; evitava tudo que pudesse desagradar-lhe e fazia tudo que imaginava agradar-lhe; depositava nela uma confiança sem limites; apoiava-se unicamente na proteção e nos desvelos maternos”; chamava por ela em todas as suas dúvidas; imitava, na medida de sua capacidade, as virtudes que via em sua mãe”.*(5) Esta é uma das razões pelas quais Isaac, ao abençoar Jacob (representante, portanto, dos verdadeiros devotos de Nossa Senhora), incluiu: *“Aquele que te amaldiçoar, seja amaldiçoado; e o que te abençoar, seja cumulado de bênçãos”.*(6)

Podem-se indicar inúmeros pontos de semelhança entre Rebeca e a Santíssima Virgem. Destacamos:

Rebeca: a) Modelo das virgens que abraçam o estado conjugal. Ao encontrar Isaac pela primeira vez, dá um admirável exemplo de modéstia; b) É paciente, doce, um pouco fraca, mas hábil. Salva Jacó, propondo-lhe um ardil e forçando-o a uma longa ausência.

Assim foi a Santíssima Virgem. Ela preferiu permanecer virgem a ser elevada às honras mais excelsas. Em face do anjo, ostenta uma modéstia incomparável. Como Rebeca — mãe de Jacó e de Esaú, símbolos dos justos e dos pecadores — Nossa Senhora é mãe de ambos (dos justos e dos pecadores). Em vez de os livrar pela astúcia, intercede por eles e lhes obtém misericórdia.

É, pois: a) padroeira dos justos e b) reconciliadora dos pecadores.

III – Raquel:(7) Rara beleza e infatigável ternura (amenidade de caráter).

Raquel era uma pastora *“esbelta de forma e bela de aspecto”*. Pastoreava o rebanho de seu pai, que era toda a riqueza da família.

Destacam-se, em Raquel, os seguintes aspectos: a) Apascentava o rebanho de seu pai; b) Mulher de rara beleza e de grande amenidade de caráter; c) Era animada de infatigável ternura. Por seu amor, Jacó aceita,

sem se lastimar, as humilhações e os trabalhos que lhe são impostos. O semblante delicado de Raquel o consola e fortifica; d) Jacó vive de esperanças.

A Santíssima Virgem: a) Apascenta as ovelhas da grei de Nosso Senhor Jesus Cristo, conduzindo-as às paisagens celestes; b) É "bela e doce" (*valde decora, dulcis Virgo Maria* – toda bela e amável Virgem Maria); c) Deus a amou e reservou-a para si com incomparável solicitude. Aos três anos, oculta-a no interior do templo. Já nas primeiras graças da adolescência, e desde então embelezada de todos os encantos da natureza e da graça, envia-lhe um príncipe da corte celeste para pedir seu consentimento. Seu filho será Deus... E este Deus suspende as leis da natureza para fazer com que nem a menor mancha desfigurasse sua virginal beleza; d) Deus lhe dirá "minha mãe"!

* * *

Portanto, neste primeiro grupo temos, resumidamente:

Em Sara: a fecundidade de Maria Santíssima.

Em Rebeca: a sua modéstia.

Em Raquel: a sua ternura e beleza.

Com isto já se entrevê um primeiro delineamento ou esboço de Nossa Senhora.

2º grupo: os três tipos da força e coragem da Santíssima Virgem

Maria (irmã de Moisés), Débora e Judite.

Todas elas foram guerreiras cheias de heroísmo e de espírito patriótico. Representam, em particular no hino que cada uma cantou, um aspecto da luta dos filhos de Deus.

Seus cânticos fazem lembrar o *Magnificat*, brado de triunfo da humildade e da fé de Nossa Senhora.

Significado dos Cânticos:

Maria: a voz que canta a libertação (séc. XVI a.C.);

Débora: inspiração que conduz à vitória (1285 a.C.);

Judite: mão que fere e prostra o inimigo (séc. VI a.C.).

IV – Maria, irmã de Moisés:(8) primeira mulher bíblica com o nome

de Maria

É a primeira mulher bíblica que aparece com o nome de Maria, o qual, no decorrer dos tempos, tantas virgens se ufanariam de o possuir.

O povo eleito, libertado por Moisés, atravessou o Mar Vermelho. À frente de todas as mulheres, Maria cantou o maravilhoso cântico de seu irmão: "*Cantemos o Senhor, que é gloriosamente escoltado*".

A Santíssima Virgem também atravessou o "*mar vermelho*". Um "mar" tinto com o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, que da terra de escravidão do pecado conduz à terra da beatitude e do perdão.

Também a Santíssima Virgem entoou um hino que os católicos repetem pelos séculos, sempre com entusiasmo: *Magnificat anima mea Dominum...* ("Minha alma glorifica o Senhor").

V – Débora:(9) "Minha alma esmaga com o pé os poderosos".

Débora é uma mulher extraordinária do primeiro período da época dos Juízes. Ela nos é apresentada pela Sagrada Escritura como profetiza, juíza do povo, libertadora de Israel e poetiza.



Débora: profetizou a Barac, comandante do exército dos israelitas, que derrotaria o chefe do exército do rei de Canaã

Profetizou a Barac, comandante do exército dos israelitas, que o Senhor entregaria em suas mãos o chefe do exército do rei de Canaã, opressor dos hebreus durante 20 anos, juntamente com seus carros de guerra. Como Barac se recusou a ir sem ela ao combate, Débora lhe disse: "*Está bem, eu irei contigo, mas desta vez não te será atribuída a vitória, porque Sí Sara [nome do general inimigo] será entregue nas mãos duma mulher*". Levantou-se, pois, Débora e partiu com Barac. Apesar da fraqueza e da timidez de seu sexo, Débora — juntamente com Jael — foi o instrumento de que Deus se serviu para assegurar o triunfo dos israelitas. O nome de Débora permaneceu sempre relacionado a esta gloriosa vitória de Israel sobre Sí Sara, seu inimigo.

Débora foi também "juíza do povo". Todo tipo de demanda era-lhe apresentado, pois naquela época não havia ainda tribunais para aplicar a justiça. Débora a tudo dava solução por seu espírito de profecia, aprimorado sentido de justiça, excelente bondade e singular sabedoria. Razão pela qual foi cognominada a "mãe de Israel".

Trecho do cântico de Débora: "*Calca, ó minha alma, esses valentes; (Sí Sara) caiu entre seus pés (de Jael), desfaleceu e expirou; contorceu-se e ficou estendido por terra, exânime e miserável;*(10) *Assim pereçam, Senhor, todos os teus inimigos; os que, porém, te amam, brilhem como o*

sol quando nasce”.(11)

A Santíssima Virgem é a Rainha dos Profetas e predisse que todas as gerações a chamarão bem-aventurada. Como mãe espiritual de todos os homens, a Ela recorrem de todas as partes, em suas necessidades espirituais e materiais, os filhos da Igreja. Venceu um adversário não de carne e sangue, mas o próprio inferno, esmagando com o seu calcanhar o orgulho feroz do demônio. E também, como Débora, entoou o *Magnificat*, em que exaltou o triunfo de Deus sobre os soberbos da terra.

Portanto, em Débora se vê, pois, uma imagem da intrepidez calma e misericordiosa de Nossa Senhora.

VI – Judite: piedade aliada à coragem

Judite era viúva, já por um período de três anos e seis meses. Nesse período passava a maior parte do tempo em orações e jejuns, juntamente com suas criadas, exceto nas épocas de festas de Israel. Era de belíssimo aspecto, possuía muitas riquezas. Além disso era estimadíssima de todos, porque era temente a Deus e não dava ocasião a que ninguém dissesse dela uma palavra em desabono.



Judite: com a própria espada de Holofernes, corta-lhe a cabeça e liberta Israel

O episódio central da história de Judite é o fato de ela ter cortado a cabeça de Holofernes, general de Nabucodonosor, rei dos Assírios, e com isso ter livrado os israelitas de serem destruídos e escravizados.

Holofernes sitiou a cidade de Betúlia, onde se refugiaram os israelitas. Esgotaram-se as águas para todos os moradores. Então estes foram a Ozias, seu chefe, e lhe propuseram a rendição *incontinenti*, e que se entregasse a cidade nas mãos de Holofernes, preferindo morrer pela espada do que perecer pela sede. Ozias, entretanto, propôs aguardarem mais cinco dias, e que nesse tempo orassem e fizessem penitência. Se, transcorridos os cinco dias, Deus não lhes enviasse o socorro, então se entregariam.

O socorro do Céu veio por intermédio de Judite. A princípio aparece na solidão e na prece. Persevera no jejum e na oração. Como está dito antes, a sua vida austera, bem como a piedade exemplar, fizeram-na digna de admiração pública. Ela é admirada por todos pela pureza de sua alma.

Para ir ao encontro do príncipe inimigo, vestiu-se com os vestidos de gala, adornou-se com as mais preciosas jóias, pôs braceletes etc., calçou os melhores sapatos e ungiu-se de preciosos perfumes. Conforme diz a Sagrada Escritura, o próprio Deus aumentou-lhe os encantos, porque todo

este proceder não tinha em vista despertar a concupiscência, mas exclusivamente a glória de Deus. Por isso Ele aumentou-lhe ainda mais a formosura de modo que seus próprios compatriotas ficaram estupefatos e maravilhados com sua incomparável beleza.

E ela, após sair da cidade e adentrar o campo inimigo, sem prestar atenção aos elogios que os sequazes de Holofernes lhe faziam, recolheu-se um momento para orar. Depois, com a confiança em Deus, enquanto Holofernes se entregava ao gozo e a toda sorte de excessos, com sua própria espada corta-lhe a cabeça. Quando a notícia correu, todos os combatentes fugiram, gritando: uma só mulher derrubou o trono do nosso poder.

É uma prefigura da Santíssima Virgem, a triunfadora imaculada, que, com a simplicidade de sua virtude, salva a humanidade inteira.

3º grupo: Símbolos da beleza excepcional e da graça irresistível

Abigail, Sunamita e Ester

Estas três outras prefiguras representam o amor e a beleza da Virgem Santíssima.

VII – Abigail: a beleza e a prudência

David, quando ainda muito jovem, foi sagrado rei pelo Profeta Samuel. Por ciúmes, o rei Saul, até morrer, o perseguiu sem tréguas. Por isso, durante um longo período, David viu-se obrigado a refugiar-se em bosques e grutas. Certa vez, ele e um grupo de fiéis soldados esconderam-se nos montes da Judéia. Mais ou menos próximo, habitava um homem de nome Nabal. Abigail era sua esposa. Ele era riquíssimo, porém mesquinho, péssimo e malicioso. David e seus seguidores abstiveram-se de lhe causar qualquer dano. Tendo sabido, no deserto, que Nabal fazia a tosquia de seu rebanho — ocasião de abundância e própria a generosidades — David destacou 10 de seus servos para irem procurá-lo pacificamente e pedir-lhe, em seu nome, qualquer coisa que tivesse à mão. Nabal, porém, os tratou muito mal, com insultos, dizendo que não conhecia David e nem sabia de onde eram. Irado, David se aprontou para ir destruir tudo pertencente a Nabal e não deixar vivo nada daquilo que lhe pertencesse.

Abigail, tendo sabido do que havia se passado e da grande desgraça prestes a cair sobre sua casa, às escondidas de seu marido, e levando uma série de agrados — carneiros cozidos, farinha, cachos de uva, figos secos, etc. — foi ao encontro de David e o dissuadiu da vingança. David aceitou tudo que ela lhe tinha trazido e mandou-a retornar em paz para casa, dizendo-lhe ter ouvido sua voz e honrado a sua presença.

Dez dias depois, Nabal faleceu...

Abigail, por sua beleza e sua prudência, impede David de derramar sangue. Por sua causa David perdoa e diz: "*És bendita, pois me impediste de derramar sangue!*" (I Samuel 25,33).

Tendo ficado viúva, David a convida para ser sua esposa e ela responde: "*Eu sou a serva do Senhor*" (I Samuel 25,41). Deste modo torna-se a esposa do rei.

* * *

Ora, de forma incomparavelmente mais sublime, Nossa Senhora intercede a favor de seus servos, e por seus rogos Deus os perdoa.

Quando São Gabriel saúda Nossa Senhora, Ela, depois de compreender a mensagem, responde: "*Ecce ancilla Domini*" ("Eis aqui a escrava do Senhor"). E daí uma tal intimidade com Deus, que criatura alguma poderia imaginar. Tornou-se Filha, Mãe e Esposa de Deus!

VIII – Sunamita (Abisag): acúmulo de todas as belezas naturais

Era uma donzela de extrema beleza. Nela foram acumuladas todas as belezas naturais. Por isto foi escolhida para esposa do Rei David, já na velhice dele (III Reis, 1,3).

Foi a mais pura entre todas as esposas, porque se manteve sempre virgem, tanto antes de morar com David quanto durante o tempo de convívio com ele, pois foi tratada sempre como irmã e não como esposa.

A Santíssima Virgem possui uma graça imortal e cada vez mais bela. Cativou eternamente as complacências do Rei dos Céus.

Ninguém teve tanta intimidade com o Rei David quanto Sunamita. Igualmente, ninguém teve tão casta intimidade com o Rei dos Reis, Nosso Senhor Jesus Cristo, quanto a puríssima Virgem Maria. Depois de O ter nove meses em seu seio, manteve-O em sua mente e em seu coração.

IX – Ester: apoio e consolação

Xerxes I, conhecido com o nome de Assuero, foi o terceiro sucessor de Ciro, rei dos persas. Para manter viva a lembrança de seu matrimônio com Ester, concedeu indultos, distribuiu benesses e concedeu paz a todas as províncias de seu reino.



Mas Aman, primeiro-ministro de Assuero, homem soberbo e cruel, impôs a seus subordinados a obrigação de ajoelharem-se diante dele. Ora, o

hebreu Mardoqueu (os hebreus tinham sido feitos cativos pelos persas), tio e pai adotivo de Ester, não quis proceder dessa forma com Aman porque julgava que esta homenagem era devida somente a Deus. Por esta razão, Aman fez promulgar um decreto condenando à morte todos os hebreus.

Ester, graciosa e amável, apresentou-se diante do rei e obteve dele misericórdia para o seu povo. Obteve a revogação do edito promulgado contra todos os hebreus.

Havia uma lei na Pérsia, segundo a qual era morto quem se apresentasse diante do rei sem ser chamado. Ester corajosamente passou por cima dessa lei e se apresentou ante o rei. Este lhe disse: "*não morrerás, porque nossa ordem não concerne senão ao comum do povo*" (Ester, 15, 13). É uma prefigura da Imaculada Conceição, pois a Nossa Senhora não foi aplicada a lei do pecado original, comum a todo o povo.

O primeiro ministro Aman, que desejou a condenação dos hebreus, representa o príncipe das trevas, o demônio.

A Santíssima Virgem obteve o resgate do gênero humano e salvou da morte eterna todos os seus filhos.

São Boaventura proclama: "*Virgem santa, verdadeira Ester, vós sois o apoio e a consolação de todo bem*".

Magnificências de Nossa Senhora:

- mais majestosa do que o cedro, cujo cimo altivo domina as alturas do Líbano; ou o cipreste, que se eleva acima da montanha de Sião;
- mais graciosa do que as palmeiras de Cades;
- mais agradável do que a rosa vermelha, que perfuma Jericó;
- mais doce do que a oliveira (graciosa erva dos campos);
- mais amável do que os plátanos à margem das águas.

4º grupo: Noemi, Resfa e a mãe dos Macabeus: "A Virgem Dolorosa"

Nossa Senhora é salientemente a *Virgo Dolorosa* — a Virgem das Dores. Esta característica teve também suas prefiguras.

X – Noemi ("formosa") — Mara ("amargurada")

A história de Noemi é na Sagrada Escritura narrada no Livro de Rute. Noemi residia em Belém. Em decorrência de forte carestia, viu-se obrigada a emigrar, juntamente com seu esposo e dois filhos, para as

terras de Moab. Lá Noemi perdeu seu esposo e seus filhos, ficando só na terra. Após dez anos, viúva e sem filhos, Noemi volta para Belém, acompanhada de uma de suas noras, Rute, sua única consolação. Conseguiu casar Rute com um rico senhor, de nome Booz, parente de seu falecido esposo. Desse matrimônio nasce Obed, pai de Isaí, avô de David.

As desventuras da vida de tal maneira alteraram a fisionomia de Noemi que as pessoas de Belém não a reconheciam e, ao vê-la, perguntavam se era aquela a Noemi. Devido a isso trocou o seu nome de Noemi — que quer dizer “Formosa” — para o de Mara, que significa “Amargurada”: *“Ne vocetis Noemi, id est pulchrum, sed vocate me Mara, id est amaram”*— Não me chameis Noemi, isto é, formosa, mas chamai-me Mara, isto é, amargurada (Rt 1, 20).

* * *

Da mesma forma a Santíssima Virgem foi submetida a um oceano de dores na Paixão e Morte de seu divino Filho. Seu coração foi oprimido pelas dores e a alma esteve amargurada e sem consolação alguma. Foi a mãe cheia de dores e de angústias, embora, por outro lado, também repleta de alegria, de modo todo especial pela redenção do gênero humano.

XI – Resfa: guarda os cadáveres de seus filhos crucificados

Resfa(13) foi esposa de Saul. Ocorreu que após a morte de Saul



Resfa protegeu das feras os corpos de seus filhos durante seis meses, até o Rei David autorizar que fossem enterrados

houve uma carestia de três anos seguidos. Por revelação, o rei David soube que se tratava de um castigo de Deus pelas iniquidades cometidas por Saul contra os gaboanitas. Como reparação, os gaboanitas exigiram que lhes fossem entregues os descendentes de Saul, dentre os quais os dois filhos de Resfa. Estes foram então aprisionados e crucificados pelos gaboanitas. Resfa, porém, estendeu um pano sobre uma pedra e permaneceu perto dos cadáveres de seus filhos durante seis meses. De dia defendia-os das aves do céu, e de noite defendia-os contra as feras da terra. Ela só os abandonou depois que o rei David mandou levá-los para o sepulcro.

Valores a serem particularmente assinalados em Resfa:

- mãe desolada;
- função atroz (guardar os cadáveres dos filhos sob todas as intempéries e contra todos os ataques de animais);

- e amor enérgico (foi até o fim).

* * *

Comparação com Nossa Senhora:

- seus filhos foram, e são, atacados pelos inimigos (mundo, demônio, carne);
- foram atados aos pecados mortais e aos vícios;
- Ela permanece com eles e lhes aplica os frutos da Redenção.

XII – A mãe dos Macabeus: “Mãe, formadora e encorajadora de mártires”

Palavras da mãe dos Macabeus(14) ao seu filho mais novo: *“Meu filho, pelo amor que me tens, pois que te trouxe em meu seio, amamentei e nutri até hoje... olha o céu... não temas o carrasco, mostra-te digno de teus irmãos e recebe a morte de bom coração, a fim de que, pela misericórdia de Deus, possa eu tornar a ver-te na glória que esperamos”* (2 Mac 7,27-29).



Os Macabeus foram animados por sua admirável mãe para o martírio. Eles são, até certo ponto, prefigura de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Mártir dos mártires. E a mãe é uma prefigura de Nossa Senhora

Por fim, ela mesma foi entregue ao martírio.

* * *

Em conferência no dia 1º-8-69, o Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, referindo-se à epopéia dos Macabeus, comentou: *“O episódio, em última análise, é este: os filhos dela foram intimados a praticar atos de idolatria, numa situação em que não deixava de ter alguma coisa de parecido com os dias de hoje. Os meninos se negaram ao ato de idolatria que estava sendo exigido e foram mortos.*

“Os Macabeus ficaram como símbolo da fidelidade. Eles ficaram, em relação à impiedade, o símbolo da Cruzada, da luta religiosa, da guerra e da contradição religiosa. De maneira que todos os séculos os veneram.

“Essas crianças foram animadas por mãe admirável para o martírio. E elas são, até certo ponto, a prefigura de Nosso Senhor Jesus Cristo, o Mártir dos mártires.

“E a mãe deles é uma prefigura de Nossa Senhora. Ela ajudou e

apoiou o seu Divino Filho — com o seu carinho, com sua presença — no momento tremendo em que Ele carregava a cruz, em que foi levado para o alto do Calvário.

"Fala-se do Cireneu, que ajudou Nosso Senhor a carregar a cruz. Que linda vocação!

"Quanto mais Nossa Senhora ajudou Nosso Senhor a carregar a cruz, com a presença, com o carinho e com a oração d\$*Ela! Alguém poderá algum dia dizer: que vantagem incomparável houve para Nosso Senhor, pelo fato de que Nossa Senhora esteve presente. Ela fez com seu Divino Filho — conservadas as distinções necessárias — o que fez a mãe dos Macabeus. Ela O apoiou, para o martírio, até o último momento.*

"Nós estamos numa época de luta de idéias e de princípios. Devemos nos lembrar de imitar os Macabeus, símbolos da fidelidade.

"E devemos pedir a Nossa Senhora que Ela seja o nosso apoio. Que Ela faça conosco o que fez a mãe dos Macabeus.

"Mais ainda: devemos pedir a essa mãe heróica, e a essas crianças, que intercedam por nós, para nos dar uma fortaleza que, com ânimo, sem choradeira e sem treme-treme, chegue até o último momento".

* * *

Em face do acima exposto, podemos concluir que o conjunto destas prefiguras forma um esboço, ainda imperfeito, d*\$*Aquele cuja santidade viria a ser muito superior à de todos os homens, mesmo os mais favorecidos quanto à natureza e à graça.

E-mail para o autor: catolicismo@catolicismo.com.br

Notas:

1. Gen 17, 16-19; 18, 10-14.

2. Gen. 17, 15.

3. Gen. 24,1-67.

4. São Luís Grignon de Montfort, *op. cit.*, Editora Vozes Ltda, Petrópolis, 2ª ed., 1943, p. 180.

5. *Idem, ibidem*, p. 183.

6. Gen. 27, 29.

7. Gen. 29,18.

8. Êxodo, 11, 1-10.

9. Juízes, 4,6 – 5,32.

10. Juízes, 5, 27.

11. Juízes, 5, 31.

12. Noemi, (Rut, 1,1-14; 1,15-22; 4,11-21.

13. Resfa – 2 Rs 21,7-14 – “E cumpriram todas as ordens do rei, e, depois disto, Deus aplacou-se com a terra”.

14. Mãe dos Macabeus – 2 Mac. 7,27-29.

Bibliografia:

–*Figures bibliques de Marie, Mère de Jésus – disposées pour deux mois de Marie –*

M. Paul Sauceret – Librairie de Poussielgue-Rusand, Lyon, France, 1846.

– *Gabriel M. Roschini, O.S.M., La Madonna Secondo la Fede e la Teologia – Roma, Ferrari, 1954.*

– *Pe. Júlio Maria, SDN, Por que amo Maria – Edições Paulinas, São Paulo, 1960.*

– *René Laurentin, Breve Tratado de Teologia Mariana – Editora Vozes Ltda, Petrópolis, RJ, 1965.*

www.catolicismo.com.br